

TEMPO, EXPERIÊNCIA E CRIAÇÃO EM ESCRITA: MÚLTIPLOS OLHARES

GT 06 – Formação de professores de matemática: práticas, saberes e desenvolvimento profissional

Francisco Egger Moellwald – FAGED-UFRGS – chico.egger@gmail.com

Franciele Corti – Colégio de Aplicação UFRGS – franciele@email.it

Miriam Telichevesky – UFRGS – miriamty@gmail.com

Resumo

Trata-se de compartilhar explorações em movimento na criação de ensaios escritos; atividade presente em disciplinas vinculadas a estágios de docência dos cursos de licenciatura em matemática da UFRGS. Idéias de tempo e experiência constituem instâncias motivadoras para essas criações, adquirindo vida própria nesse processo, que se faz acompanhado da questão: o que essa prática produz para a docência? O minicurso visa dar prosseguimento a essas explorações sob novos olhares, buscando e contando com o envolvimento e as contribuições dos participantes.

Seguir efeitos afora! Eis o mote que nos levou a decidir pela exposição de explorações na produção de ensaios escritos. Seguir efeitos afora! Uma forma de expressão, decifrada no momento mesmo em que tomamos essa decisão. Efeitos que brotaram da criação desses ensaios. Efeitos a serem decifrados em nosso minicurso.

A inclusão desse tipo de atividade em disciplinas de estágio, visando experimentar exercícios de pensamento, originou-se da natureza foucaultiana da formação pós-graduada de uma de nossas colegas e em nosso envolvimento em seminários voltados à filosofia da diferença. Em sala de aula, especialmente as produções de Tomaz Tadeu da Silva, Sandra Corazza e Jorge Larrosa têm constituído elementos centrais na elaboração da perspectiva que tem orientado essas disciplinas.

Nossa incursão na criação dessa atividade escrita provém de nossa perspectiva quanto à formação discente nos cursos de Licenciatura em Matemática. E volta-se para certa produção textual discente, basicamente descritiva, marcada pela ausência de um pensamento analítico, quanto mais de um pensamento questionador e criativo, dirigido para além da natura/normalização próprias de um esgotado discurso educacional – incansável na repetição de si mesmo.

A produção do ensaio se constitui ao longo do segundo terço do semestre letivo, com o acompanhamento dos professores da disciplina. Nesse período, vivemos um processo de pensar idéias para essa produção. Idéias conectadas a conceitos tratados na disciplina. Questão de fundo: o que certa idéia produz para quem escreve?

Esse processo tem se mostrado bastante variável entre os discentes. Tornamo-nos todos aprendizes de preferências literárias, testemunhas de picos de desejo e frustrações. Importa a força dos afetos. Algumas produções se dão quase que linearmente ao longo do prazo fixado, outras se instituem descontinuamente, aos saltos, ou mesmo, sobressaltos. Há autores que as constroem pela via de uma intensidade pura, rabiscando palavras ou idéias-chave em seus cadernos. E há aqueles que as desenvolvem via caminhos previamente definidos. Há espaço para todos.

Os ensaios se constituem pela via de provocações mútuas entre discentes e docentes, e entre aqueles e outros intermediários, como os autores de referência da disciplina. Deixamos nossas salas de encontros com pensamentos em vista e é muito provável que um rabisco traçado em um caderno passe a gerar novas idéias, basicamente idéias-questões em processo de atualização. Inclui-se aí, eventualmente, a busca por outras formas de pensar certas idéias.

A escrita também oferece momentos de subversão ao previamente determinado, tanto em termos da disciplina quanto nas decisões discentes. Mas a norma da conexão entre o tema escolhido e conceitos tratados na disciplina permanece, mesmo que distorcida. Neste caso, as conexões se dão pela via de outros conceitos, que intermediam aqueles à distância.

Diversos conceitos têm nos acompanhado nas últimas versões de disciplinas de estágio, fundamentalmente na elaboração dos ensaios. Dois deles aparecem no título deste minicurso: *tempo* e *experiência*. Complementa o minicurso a perspectiva deleuzeana de *questão*. A escolha desses conceitos se deve aos efeitos produzidos por alguns ensaios produzidos em 2007.

Larrosa (2004a) nos ajuda a pensar o ensaio como relação entre experiência e pensamento, como produção de sentido ao que nos acontece. Experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, observando que, embora diversas coisas estejam sempre acontecendo quase nada nos toca (BONDÍA, 2002, p. 21). O termo se distingue da idéia de experiência do senso comum.

Bondía (2002, p. 21) aponta o par informação/conhecimento como um potencial bloqueador da experiência. E na esteira desse par, outro elemento a rarefazer a experiência: a opinião. A opinião garante uma resposta a qualquer pergunta e, afinal de contas, não

precisamos ter posições próprias sobre o que acontece? Mas que tipo de resposta: uma resposta elaborada a partir de um rol de informações alheio à experiência do que nos toca?

Deleuze (RIEUX, 2005) distingue entre questões na filosofia e “interrogações” na mídia, estas permanecendo no nível da produção de opiniões. Afinal de contas, como diz o filósofo, cada vez mais temos que opinar sobre qualquer coisa. No entanto, mesmo as opiniões sofrem pressão insuportável devido aos limites temporais próprios das interrogações. Enquanto isto, o pensar tende à alienação.

Questões servem para pôr nosso pensar em movimento; geram-se outras questões a cada questão posta, por meio de formas distintas de pensar a questão original. Há nesse conceito de questão uma crítica explícita à idéia de consenso: uma convenção pela qual as questões são substituídas por meras interrogações. Essa convenção geralmente favorece a recusa à exposição: nada de pensar questões, antes opinar diante de interrogações.

Nessa perspectiva, aprender vincula-se a criar questões, a mover o pensar. No nível da opinião, aprender torna-se algo vazio, já que não há nada de interessante na mera exposição ou discussão de opiniões. Não se trata de verdade ou mentira, mas de insignificância.

A presença de certas concepções de tempo em alguns ensaios e sua simultânea relação afetiva com suas autoras constituíram um dos efeitos da atividade. Chronos, o tempo do relógio, linear, inexorável na medição de cada instante na produção do ensaio. Um tempo do qual às vezes é muito bom escapar, embora inegável seja sua importância em nossas vidas.

Outro é o tempo aión: tempo da intensidade, da intensidade de um instante. Tempo da surpresa, da descoberta, da novidade, do nascimento de uma nova idéia. Ninguém consegue medir o tempo aión. Ele acontece sem acontecer, é um tempo-sem-tempo, um tempo-todo. O tempo da experiência, tempo da criação, da inspiração. Tempo que nos permeia nos momentos de grande inspiração. Tempo do movimento, movimentos que movimentam o tempo (LARROSA, 2004b). E não esqueçamos kairós, o tempo do momento, do agora-ou-nunca, da decisão, do instinto. Tempo da atitude, do impulso, tempo da reviravolta.

Desenha-se o minicurso em três atos. O primeiro ato consiste de um relato da produção de ensaios em nossos estágios de docência; experiências de leitura e escrita. Segue-se um momento de leitura de excertos de Bondía (2002) por parte dos participantes. Após um intervalo de 15 minutos, o segundo ato: pensamento, escrita. Uma curta encenação mescla conceitos de tempo – chronos, kairós e aión – em um passeio a certo “plano das questões”. Segue-se uma conversa sobre esse momento e uma ilustração do tratamento conceitual na produção escrita em nossos estágios. Ainda no segundo ato os participantes são convidados à

produção de um parágrafo, vinculando experiências próprias a conceitos tratados na encenação. No epílogo, precede o fechamento do minicurso um convite ao compartilhamento dessas produções pela via de uma conversação (LARROSA, 2004c).

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, vol. 29, no. 1 (jan./jun.), 2004a. p. 27-43.

_____. A libertação da liberdade. In: _____. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p.203-243.

_____. Perfis de uma conversação. In: _____. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004c. p. 267-275.

RIEUX, Bernardo. Q de Questão. In: *O Abecedário de Gilles Deleuze*. 2005. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=67&Itemid=51>. Acesso em: 27 jul. 2008.